

Editorial

Os textos que norteiam o novo número da Equatorial, Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, são combinados por trabalhos recebidos em fluxo contínuo contendo artigos, relatos etnográficos, resenhas e ensaios visuais. Os trabalhos que seguem, segundo as formações e trajetórias de suas autoras e autores, oferecem visões maturadas pelas suas experiências sobre o tema da antropologia das emoções, sobre as etnografias do cotidiano e do particular, dos conflitos e da ética, do desenvolvimento sustentável e da saúde, assim como envolvem discussões sobre corpo(s), interseccionalidades e pós pandemia da COVID-19.

Abrimos essa edição apresentando dois trabalhos instigantes na seção de artigos: o primeiro deles, intitulado “O desprezo pelo Estado nas perspectivas sobre o Cemitério da Soledade em Belém-PA: uma análise à luz da Antropologia das Emoções”, de Elisa Gonçalves Rodrigues, Leonardo de Souza Silva, Diogo de Siqueira Bendelak dos Santos, perpassa por uma constelação de narrativas que demandam diferentes ressignificações em relação ao Cemitério da Soledade, enquanto patrimônio cultural e material da cidade. A partir da Antropologia das Emoções, a autora e os autores evidenciam a micropolítica que se destaca nas relações emocionais nesse espaço funéreo, ao analisarem os comentários feitos sobre o Cemitério na plataforma *TripAdvisor*. Salientam a preponderância do sentimento de desprezo que, segundo os autores, “descortina um universo relacional discursivo e que implica relações hierárquicas típicas das sociedades ocidentais democráticas, envolvendo a cidadania, o espaço público e o Estado”.

No segundo artigo, as emoções também reverberam no texto de Débora Antonieta Silva Barcellos Teodoro, sob o título “Num tano com fome, tano com a barriga cheia, já tá bom demais!”: a fome a partir de narrativas do cotidiano”. Inspirada na proposta de Lila Abu-Lughod (2018), a autora realiza uma análise sobre as histórias que envolvem duas mulheres coletoras de material reciclável em Diamantina, Minas Gerais. Para Teodoro,

essas histórias particulares permitem perceber como processos mais amplos, como desigualdade e fome, se manifestam nos cotidianos, nos corpos e nas palavras das pessoas.

Intitulado “Educação escolar indígena Kiriri: breves considerações sobre dinâmicas (inter e intra) étnicas” é o terceiro trabalho publicado em nossa seção de artigos. Gabriel Novais Cardoso discorre sobre a educação escolar indígena entre o povo Kiriri, comunidade localizada entre Banzaê e Quijingue, municípios baianos. O objetivo do artigo foi compreender as articulações entre a educação e a situação política, considerando as cisões internas e as dinâmicas inter e intraétnicas de distinção e afirmação de identidade nos subgrupos Kiriri. Aqui, podemos vislumbrar a importância da educação e da escola indígena, bem como entender melhor manifestações de divergências e disputas desse povo.

O quarto artigo publicado neste número chama-se “A imigração venezuelana em Boa Vista/RR: breve panorama dos primeiros movimentos (2015–2021)” com autoria de Germano Lopes Ângelo e Olendina de Carvalho Cavalcante. Neste trabalho, os autores tiveram como objetivo entender relações sociais, políticas e econômicas que deram início a migração venezuelana em Roraima, sobretudo em sua capital, Boa Vista. Ângelo e Cavalcante identificam elementos históricos da Venezuela que impulsionaram os movimentos migratórios de seu povo, e descrevem as condições da migração em Boa Vista. Ao passo que tal movimento cresce e se intensifica, os autores mostram como, em um primeiro momento, tiveram movimentos de ajuda coletiva para os venezuelanos, mas que, depois de um tempo, passaram a ser discriminados, vivenciando diariamente conflitos e situações xenofóbicas.

Para fechar a seção de artigos, temos o trabalho de Ada Rízia Barbosa de Carvalho, Cristina Maria Costa da Silva Pequeno e José Afrânio Alves de Santana Filho intitulado “Indiferenciar e suspender: redefinições nas técnicas para a incriminação de pessoas e territórios em Maceió/AL”. No artigo, os autores abordam as experiências de articulação entre o Judiciário, o Ministério Público e a Secretaria Pública de Alagoas, buscando as redefinições nas técnicas de investigação, acusação e condenação de pessoas associadas ao “tráfico de drogas”, “crime organizado” e às “facções” a partir de 2010. A partir do caso de Hortênsia e de seu processo judicial, os autores percebem que as reformulações acabam por produzir suspensões de garantias legais e de indiferenciação entre pessoas que moram em territórios que são lidos sob uma perspectiva de crime e violência, colocando todos como possíveis criminosos.

As seções seguintes exploram aspectos igualmente relevantes: nos relatos etnográficos, temos o trabalho de Tayná Almeida de Paula, intitulado “Ética, conflitos em campo e sua textualização: experiência de pesquisa antes, durante e depois da Romaria do Padre Cícero Romão”. Pesquisadora “posicionada” e ao mesmo tempo “romeira”, Paula reflete sobre questões híbridas de cunho ético e metodológico, que envolvem conflitos no trabalho de campo e em sua textualização, a partir de sua pesquisa com um grupo alagoano de folguedo popular intitulado Guerreiro.

Em seguida, a resenha de Yuri Tomaz dos Santos, “Fruições emergentes entre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde novas triangulações, outros empreendimentos”, alude a coletânea organizada por Esmael Oliveira, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD): “Diálogos contemporâneos sobre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde: perspectivas cruzadas”. Santos chama atenção que a obra, ao propor o entrecruzamento entre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde em uma perspectiva trans, interdisciplinar e interinstitucional, consegue articular o contraste entre saúde e modos de subjetivação(ções), de forma plural e interseccional. A análise envolve a produção de um mosaico de corpos “humanos” e/ou “institucionais” que se relacionam em um instigante cotidiano que envolve os sistemas de saúde, o cuidado, a religiosidade, a raça, a sexualidade e/ou dissidência, apontando trajetórias e os diferentes marcadores sociais desses/as sujeitos/as.

O número 18 da Revista Equatorial ainda oferece às leitoras e aos leitores uma seção final composta por quatro ensaios visuais. Eles tanto retratam a captação de cores, espaços e biomas naturais em contraste com o desenvolvimento sustentável, como dialogam sobre festas e rituais em espaços de sociabilidade comumente interrompidos pela pandemia da COVID-19.

O primeiro ensaio, realizado por Indira Angela Luza Eyzaguirre e Marcus Emanuel Barroncas Fernandes, perpassa os “Manguezais: Vozes da Amazônia Azul”. Em uma viagem imagética pelos caminhos que levam aos manguezais amazônicos, os autores chamam atenção sobre a forma pela qual se constroem as relações cotidianas de luta e de resistência, refletindo sobre o cuidado e sobre os desafios desses espaços para o desenvolvimento sustentável.

O segundo, intitulado “Modo de vida de uma comunidade Quilombola Amazônica”, chama atenção para os remanescentes quilombolas de Itancoã Mirim (PA) e seu imaginário sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Por meio dos registros fotográficos, Isis Tarcila Vital de Souza e Nádile Juliane Costa de Castro, apresentam algumas características desse grupo e de seus modos de vida, subsidiando

interfaces entre saúde, vulnerabilidades sociais e iniquidades em saúde por meio do processo histórico-social desses e dessas sujeitas.

Sob outra perspectiva, apresentamos o ensaio visual de Guilherme Teixeira Costa e de Manuel García-Ruiz intitulado “O Código da Noite”. Os autores chamam atenção para o estudo da vida noturna urbana de Lisboa, envolta em uma arena de conflitos políticos pandêmicos e antipandêmicos, durante os anos de 2021 e 2022, períodos relativos a COVID-19.

Por último, mas não menos importante, temos o ensaio realizado por Weverson Bezerra Silva chamado “Dia dos Mortos no segundo ano de pandemia: as fases de vivenciar a morte no cemitério do “novo normal””. O autor aborda esse tema durante o contexto da pandemia da COVID-19 em um cemitério na cidade de João Pessoa (PB). Dando continuidade a outro ensaio visual (SILVA, 2022), Silva compara, metodologicamente, através das cores e das imagens vinculadas às narrativas de seus próprios interlocutores, os dois primeiros anos da pandemia da Covid-19.

O conteúdo que elaboramos para este novo número da revista, se refere a contextos diferenciados, envolvendo reflexões a nível local e global. Nele, cintilam temas que nos afetam antropológicamente como pesquisadoras e pesquisadores posicionados (ROSALDO, 1984) diante de fatos sociais concretos e, que neste espaço, temos o prazer de compartilhar.

Rozeli Porto

Professora Adjunta/Supervisora da Revista Equatorial
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Hellen Caetano

Doutoranda em Antropologia Social/Membro da Edição Geral
Universidade Federal do Rio Grande do Norte